

Erán de lirios los ramos,
y las orlas de reseda
y de jazmín: la enterramos
en una caja de seda.
...Ella dio al desmemoriado
una almohadilla de olor:
él volvió, volvió casado:
ella se murió de amor.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos IX (continuación)
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

El mar sus millares de olas
mece, divino.
Oyendo a los mares amantes
mezo a mi niño.
El viento errabundo en la noche
mece los trigos.
Oyendo a los vientos amantes
mezo a mi niño.
Dios Padre sus miles de mundos
mece sin ruido.
Sintiendo su mano en la sombra
mezo a mi niño.

Y, ¡oh Dios!, lo que sus ojos vieron.
Primavera reinaba espléndida, y en el sitio
mismo en que la raíz se hundía, una forma
rosada engalanaba la tierra.
Se fatigaban las ramas con una carga de
cabeceiras rosadas, que hacían el aire
aromoso y lleno de secreto encanto.
Y el arroyo se fue meditando por la
pradera en flor:
– ¡Oh, Dios! ¡Oh, Dios! ¡Cómo hay
fealdades que son prolongaciones de
belleza!...

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

No es un sueño, es verdad: grito de guerra
lanza el cubano pueblo, enfurecido;
el pueblo que tres siglos ha sufrido
cuanto de negro la opresión encierra.
Del ancho Cauto a la Escambray sierra,
ruge el cañón, y al bélico estampido,
el bárbaro opresor, estremecido,
gime, solloza, y tímido se aterra.
De tu fuerza y heroica valentía
tumbas los campos son, y su grandeza
degrada y mancha horrible cobardía.
Gracias a Dios que ¡al fin con entereza
rompe Cuba el dogal que la oprimía
y activa y libre yergue su cabeza!

José Julián Martí 28.01.1853-19.05.1895, ¡10 de Octubre!
de José Martí Poesía Completa, Tomo II, 1985

obrera; trabajo para la prolongación de mi
cuerpo que mira el sol. Es a ella a quien
envío la leche que te bebo; para mantenerla
fresca, cuando tú te apartas, voy a buscar los
jugos vitales lejos. Hermano hilo de agua,
sacarás cualquier día tus plantas al sol.
Busca entonces la criatura de belleza que
soy bajo la luz.
El hilo de agua, incrédulo pero prudente,
calló, resignado a la espera.
Cuando su cuerpo palpítoro ya más
crecido salió a la luz, su primer cuidado fue
buscar aquella prolongación de que la raíz

Viajar de una jornada desigual,
a sede de vivir jamás sacia.
Do seu caminho, às vezes, de desvia,
vacila o pé, mas, volta-se ao fanal.
Enfrenta o imaginário e o real.
Entre dois mundos se mantém. Vigia,
luta ao buscar o pão de cada dia
e sempre cultivando um ideal.
Nada o detém: escarpa, nem acive.
De peito aberto, segue pelo mundo:
sem ter medida, põe-se à toda prova.
Apascentando o sonho é que ele vive.
Possui em si manancial fecundo:
realizando sonhos, se renova!

Walma da Costa Barros, Poeta; em Seleta de Versos e Prosa
17, 2003 – Asas: fone (0 55) 3352-2504, S. Luiz Gonzaga, RS

mono plantó su larga cola en la tierra y se
fue dejándola. Parece que quisiste ser una
lombriz, pero no alcanzaste su movimiento
en curvas graciosas, y sólo has aprendido a
beberme mi leche azul. Cuando paso
tocándote, me la reduces a la mitad.
Feísima, dime, ¿qué haces con ella?
Y la raíz humilde respondió:
– Verdad, hermano hilo de agua, que debo
aparecer ingrata a tus ojos. El contacto larvo
con la tierra me ha hecho parda, y la labor
excesiva me ha deformado, como deforma
los brazos del obrero. También soy yo una

Gabriela Mistral, La Raíz del Rosal, Meciendo: de Desolación, sexta edición, Colección Austral, Editorial Espasa-Calpe, S. A., Madrid, 1983

Payador de alma larga e coração gaudério
cavalgas – feito um rei – o alazão da lua
e entre o descampado do Índigo Mistério
farrapa é sua lança e o lenço teu flutua...
Da noite fluorescente evoluem-se perfumes
e em silêncio a pampa te aplaude o improviso
no alpendre desse céu se acendem vaga-lumes:
poéticas lanternas a colorir-te o riso...
Já o sabiá irrompe em rubra sinfonia:
em nome do bom Deus, mavioso, ele anuncia
em coplas de esplendor esperançoso o dia!
O pássaro cantor (saudead amilongada!)
e o Velho Payador cevando a madrugada
na cuia hospitaleira daquerência amada!

J. J. Oliveira Gonçalves, Payador Alado...
(a Jayme Caetano Braun); em Seleta de Versos e Prosa 17, 2003

Bajo la tierra como sobre ella hay una vida, un
conjunto de seres que aman y odian.
Viven allí los gusanos más oscuros, y son
como cordones negros las raíces de las
plantas, y los hilos de agua subterráneos,
prolongados como un lino palpítoro.
Dicen que hay otros aún: los gnomos, no
más altos que una vara de nardo, barbudos y
regocijados.
He aquí lo que hablaron cierto día, al
encontrarse, un hilo de agua y una raíz de rosal:
– Vecina raíz, nunca vieron mis ojos nada
tan feo como tú. Cualquiera diría que un

Table with 4 columns: 'Que voltasses, era a prece de minha alma desnortada;', 'Palmas de terra em conflito, conflito entre religiões...', 'Faz sempre o que há de melhor em teu sublime viver, que a recompensa maior é dar... e, não, receber!!!', 'Tirar o mel da mentira da eterna idolatria, inda assim não nos inspira acordar da letargia.', 'Ser avó – é duplamente ser mãe, de puros afetos: – dos filhos, primeiramente; logo depois, de seus netos!', 'Qual anjo bom, tutelar, que tudo vê, advinha, esposa e mãe, sois do lar, esteio, serva e rainha.'

Table with 4 columns: 'Transborda o dedal esquecido no jardim chuscivo outonal.', 'Na sombra da relva, uma arapuca arrumada. Ao redor os pássaros...', 'Luz da lua nova velho cavalo traz de volta solenolento pinguço...', 'Apagando o risco de giz neste quadro negro: estrela cadente.', 'As libélulas reflexos na poça d'água após a chuva.', 'Um vaso... um retrato... Sobre o jazigo materno duas flores-de-maio.', 'Relâmpago azul crescem os olhos da criança no colo da mãe.'

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS Remeter até 30.05.04, quigos à escolha: Broto de trigo, Dia do Folclore, Vento cortante. Remeter até 30.06.04, quigos à escolha: Chirrada na árvore, Dia da Independência, Erica. O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sazão), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, só treinando. No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicem em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. Vamos lá, coragem! Enviar para: Manoel Fernandes Menendez Praça Marechal Deodoro 439, Apt. 132 01150-011 - São Paulo, SP ou mfmenendez@ig.com.br

Table with 4 columns: 'Num dia só seu, aeromoça resvala. Um vão no vão.', 'Uvas madurinhas... A colheita ao nosso alcance... Bendito vovó!', 'Rubro buquê não ganhou – Dia da Aeromoça – mais lindo avião?', 'Dia do Trabalho incoerência universal. Ninguém trabalha...', 'Comércio voraz... Não tira o encanto que existe No Dia das Mães!', 'Nos jardins e praças, lembram as cristas-de-galo cálices de vinho.', 'Não cai boa chuva nas terras do sertanejo, apenas neblina...'

Fui criada com princípios morais comuns.

Quando criança, ladrões tinham aparência de ladrões e nossa única preocupação em relação à segurança era de que os lanterninhas dos cinemas nos expulsassem devido às batidas com os pés no chão quando uma determinada música era tocada no início dos filmes, nas matinês de domingo.

Mães, pais, professores, avós, tios, vizinhos eram autoridades presumidas, dignas de respeito e consideração.

Quanto mais próximos, e/ou mais velhos, mais afeto.

Inimaginável responder deseducadamente a policiais, mestres, aos mais idosos, autoridades.

Confiávamos nos adultos porque todos eram pais e mães de todas as crianças da rua, do bairro, da cidade.

Tínhamos medo apenas do escuro, de sapos, de filmes de terror.

Hoje me deu uma tristeza infinita por tudo que perdemos.

Por tudo que meus netos um dia temerão.

Pelo medo no olhar de crianças, jovens, velhos e adultos.

Matar os pais, os avós, violentar crianças, seqüestrar, roubar, enganar, passar a perna, tudo virou banalidade de notícias policiais, esquecidas após o primeiro intervalo comercial.

Agentes de trânsito multando infratores são exploradores, funcionários de indústrias de multas.

Policiais em blitz são abuso de autoridade.

Regalias em presídios são matéria votada em reuniões.

Direitos humanos para criminosos, deveres ilimitados para cidadãos honestos.

Pagar dívidas em dia é bancar o bobo, anistia para os caloteiros de plantão.

Não levar vantagem é ser otário.

Ladrões de terno e gravata, assassinos com cara de anjo, pedófilos de cabelos brancos.

O que aconteceu conosco?

Professores surrados em salas de aula, comerciantes ameaçados por traficantes, grades em nossas janelas e portas.

Crianças morrendo de fome.

Que valores são esses?

Carros que valem mais que abraço, filhos querendo-os como brindes por passar de ano.

Celulares nas mochilas dos recém saídos das fraldas. TV, DVD, videogames...

O que vai querer em troca desse abraço, meu filho?

Mais vale um Armani do que um diploma.

Mais vale um telão do que um papo.

Mais vale um baseado que um sorvete.

Mais vale dois vinténs do que um gostoso.

Que lares são esses?

Jovens ausentes, pais ausentes. Droga presente. E o presente?

uma droga!

Quando foi que tudo sumiu ou virou ridículo?

O que é aquilo?

Uma árvore, uma galinha, uma estrela, ou uma flor?

Quando foi que esqueci o nome do meu vizinho?

Quando foi que olhei nos olhos de quem me pede roupa, comida, calçado sem sentir medo?

Quando foi que me fechei?

Quero de volta a minha dignidade, a minha paz.

Quero de volta a lei e a ordem.

Quero liberdade com segurança!

Quero tirar as grades da minha janela para tocar as flores!

Quero sentar na calçada ter a porta aberta nas noites de verão.

Quero a vergonha, a solidariedade.

Quero a honestidade como motivo de orgulho.

Quero retidão de caráter, a cara limpa e o olho no olho.

Quero a esperança, a alegria.

Teto para todos, comida na mesa, saúde a mil.

Quero calar a boca de quem diz: "a nível de", enquanto pessoa.

Abaixo o ter, viva o ser!

E viva o retorno da verdadeira vida, simples como uma gota de chuva, limpa como um céu de abril, leve como a brisa da manhã.

E definitivamente comum, como eu.

Adoro o meu mundo simples e comum.

Ter o amor, a solidariedade, a fraternidade como base.

Vamos voltar a ser gente?

A indignação diante da falta de ética, de moral, de respeito...

Discordar do absurdo.

Construir sempre um mundo melhor, mais justo, mais humano, onde as pessoas respeitem as pessoas.

Utopia? Não... se você e eu fizermos nossa parte e contaminarmos mais pessoas, e essas pessoas contaminarem mais pessoas...

...hein?

Quem sabe?...

Comece repassando esta mensagem!

Seleção Ivanise Cordovani Marques

"Quero Voltar a Ser Feliz (Autor Desconhecido)" - ap.lilalilaz@aol.com

Aos poucos me dispo, aos poucos vai por terra, crostas, camadas. Que estavam impregnadas.

Embora não sejam minhas aos poucos vai por terra, como roupa velha que nunca me pertencera.

Aos poucos me desfaço, dessas escamas que acumularam e agora não tem mais sentido.

Não faz mais diferença. Hoje me dispo fico nua de alma nua de mente.

Pelada de emoções antigas. Não aceito rótulos impostos. Não me visto mais de farrapos.

Aos poucos cravo minha unha e arranco tudo, rasgando esse vestuário seu, não meu, fico nua.

Agora ando assim, com minha própria pele aos poucos me vestindo de mim.

Katia Mendes, Pele... kathiam@terra.com.br - Caleidoscópico 2003, organizado por Jorge Cláudio Ribeiro - Editora Olho d'Água, Rua Dr. Homem de Melo 1036, CEP 05007-002 - São Paulo, SP (011) 3673-9633 / 3673-1287, www.olhodagua.com.br

F I M D E F E I R A

Lilia Alves de Siqueira Carvalho - diretoria@viacaoparatodos.com.br

... um leve odor de frutas e peixes podres pairava no ar. Restos de feira...
Edgard Telles Ribeiro

Excelente a trégua que a coluna e o nervo occipital me concediam. E, óbvio, aproveita-la para aquela caminhada. Não só pelo exercício físico, mas uma chance para o vó do diário dos pensamentos. Irrequietos. Devassadores. Odeiam permanecer em terra.

Sugiro que se acalmem. Por que não conviver com a vida, permitir que ela nos possua como a noiva na noite dos esponsais?

Deleito-me com a calçada em frente à padaria tomada de flores; um alô ao porteiro distraído do prédio vizinho; oh, o policiamento, a babá que passeia com o cachorro sem a sacola de recolhimento. Ufa, desviar-me da meninada que curte a infância, é arte. Paciência com os passos vagarosos da velhinha.

- Cuidado com o sinal!

E o susto provocado pelo motoqueiro além da faixa de contenção? Também, ele ouve o que não quer.

Pra relaxar olho o céu. Caminho um pouco lá, um pouco cá. Atenta ao prazo estabelecido pelo medicamento. Britânico. Besteira desperdiçá-lo.

Na rua ensolarada, mais adiante, a algazarra de vendedores, de camelôs, de carrinhos de donas de casa apressadas e caixotes espalhados pelo chão, movimentação e pedaço. O moço moreno me oferece limões, enquanto a japonesa, na barraca, exhibe verduras frescas. Sem agrotóxico. Ao abrigo do calor, rosas viçosas e perfumadas. No entanto, da esquina, vem o cheiro de óleo na fritura de pastel; mistura-se com o odor do peixe. Me provocam enjôo.

Serpenteio, malabarizando empurrões e insistências até me desvencilhar por completo. Então, mais segura apresso o passo, a ponto de, alguns quarteirões depois, tropeçar num senhor distraído. A idade avançada não lhe tira o porte empertigado. Ao que parece, caminha alheio ao mundo, às pessoas, aos problemas. Só que, no intuito de pedir-lhe desculpas, dou de cara com olhos esgazeados. Anônimos.

- Ninguém a acompanhá-lo?

Quando meu pai começou a sofrer de Alzheimer, a primeira identidade perdida foi o vigor do olhar. Ah, se me lembro... Tomei consciência, assim que o vi descer do carro, em frente de casa.

Deus meu, anteontem mesmo não tinha ele regressado de auspiciosa viagem? A título de saúde, tudo bem; os prognósticos para muitos anos de vida, ainda, os melhores possíveis. Exuberante. Empolgado. Conformado com os modestos traseiros das americanas. Nem por isso menos afetuosas e afoitas.

Ele fazia questão de se pavonear na indumentária e nos acessórios. Nos chapéus por exemplo. Tinha uma coleção deles. Desembarcou com um, do Texas. Realçava sua cabeça à Rui Barbosa, motivo de orgulho. Os cabelos brancos, não havia mais necessidade de disfarçá-los.

Como lhe tinham elogiado os sapatos, lá na terra do tio Sam! Pudera, fora a sofisticação, recebiam polimento duas vezes por dia.

A fala ruidosa não chamava mais a atenção do que o brilho vigorante dos olhos; externavam a vontade de viver. Satisfação em cumprir a tarefa.

Mercia esse crédito pelos débitos anteriores. Fechamento do livro Caixa e do livro Razão. Tempo da colheita.

- O que aconteceu?, perguntei a meu irmão, que o acompanhava desconchado.

Logo fiquei a par das coisas sem nexos vindas dele. Nessa hora conheci a sensação da orfandade paterna. Aquele homem de vitalidade sem igual pertencia ao passado.

- Que tal a viagem, papai?

- Boa, apesar de não ter milho para os cavalos.

Abafei e disfarcei a comoção que pesava a alma. Solidária com ele, no ocorrido. À noite veio o médico. Confirmou o diagnóstico. No meu egoísmo, tento argumentar sobre a causa.

- Alguma contrariedade? Quem sabe um trauma?

Ele havia passado por um muito forte.

O quadro era clínico e progressivo. Desde então a enfermidade foi se assenhoreando da casa. Do jardim e do quintal. Dos lençóis, dos utensílios da cozinha. Todos reféns. Caridosos, às vezes, ela contemplava o doente com períodos de lucidez; além de consolo, momentos de descontração para nós. Indago-lhe na varanda:

- Como está se sentindo, papai?

- Sabe minha filha, esta doença está me dando um lucro...

- Como?

- Quando me pedem dinheiro emprestado, respondo que os filhos me interditarão. Estou lélé da cuca.

Às vezes, o velho brinçalhão em conluio com a criança que retornava nele. A chave da porta principal vivia escondida. Pois não é que, naquele

dia, ele a descobriu? Pegámo-lo no portão, de fuga para a avenida. Minha segunda filha, resolveu o assunto:

- Mãe, o jeito é levar ele para o Prê. Na minha classe tem uma carteira sobrando; vou conversar com a Irmã.

- Ele manteve a perspicácia por algum tempo. Certa noite me confidenciou:

- Seu irmão pensa que me tapeia. Me leva para a sala dele para eu assinar um monte de papéis, sei que estou doando os bens para vocês.

Hoje o curta-metragem volta à tela. Chegou a vez de esse filho delegar poderes aos seus filhos. No aguardo da hora, promete não se entregar de mão beijada. Outro tronco caindo de pé.

Meu pai durou mais dois anos. No primeiro, conseguiu fazer o Imposto de Renda; no segundo, foi sucumbindo devagar como se quisesse nos dar um tempo. Para amadurecer? Como beneficiários de bens e da vida? Em gradual declínio foi se afastando de nós, do mundo, da razão.

O senhor que quase atropelou desaparece numa das esquinas. Alguém perto comenta:

- Ele mora por aqui, todos o conhecem. Foi um grande comerciante do Itaim Bibi. Não se preocupe.

Não me preocupo. Na volta deparo com o carro-pipa lavando a rua antes obstruída. Não obstante, o odor característico fica. Frutas pisadas, verduras em deterioração são varridas pelos garis. Viram lixo. No chão, as pétalas de rosas murchas perderam o perfume.

Havia algo de podre no fim de feira.

Caleidoscópico 2003, organizado por Jorge Cláudio Ribeiro - Editora Olho d'Água, Rua Dr. Homem de Melo 1036, CEP 05007-002 - São Paulo, SP (011) 3673-9633/3673-1287, www.olhodagua.com.br